

Os sertões (última parte)

(obra de Euclides da Cunha)

HONNEUR MONÇÃO

Professor dos Departamentos de Português e Redação do Curso e Colégio Objetivo

Definidos os elementos principais, estabelecidos o cenário e os protagonistas, parte Euclides da Cunha para a narrativa do genocídio praticado pelo governo central. As três expedições iniciais serviram para fortalecer o moral e a logística dos canudenses.

Fortalecer o moral porque três vitórias consecutivas sobre forças bem armadas mostraram aos fanáticos de Antônio Conselheiro que o conhecimento da zona de combate e a técnica da "guerra de guerrilhas", aliados à determinação de quem luta pela sobrevivência e por um ideal são elementos imponderáveis numa correlação de forças que se esbatem. Fortalecer a logística porque nas três expedições derrotadas uma grande quantidade de armas e munições trocou de mãos. Armas modernas e fartura de munição tornaram os canudenses mais confiantes em sua capacidade de enfrentar - o que chamavam de "a fraqueza do governo" - as tropas do governo central.

As ações humanas assumem o centro das atenções, deixando em segundo plano o projeto pré-concebido de montagem da obra segundo uma visão determinista. A dramaticidade das ações em que se fundem a bravura, a violência, o desprendimento diante da adversidade trazem para ao texto um verdadeiro condicionamento épico.

A tropa governamental era comandada por três generais, incluindo o próprio Ministro da Guerra, Marechal Bitencourt. Constituída de milhares de homens convocados de várias regiões brasileiras, essa tropa sentia-se em ação contra um exército estrangeiro - não contra patrícios - e contra um ambiente desconhecido e hostil.

Canudos sofreu um prolongado cerco e o bombardeio meticuloso durou mais de cem dias. As escaramuças, os combates sangrentos, as cenas de heroísmo, tudo que se possa esperar de uma campanha cruenta é descrito com riqueza de detalhes e crescente admiração do Autor pelo denodo e bravura dos defensores da cidadela inexpugnável.

É notável que o sertanejo, pintado a início com cores bastantes desfavoráveis; visto como um híbrido degenerado e improdutivo; resultado maléfico de influências deletérias de um meio ambiente inadequado ao flores-

cimento de uma civilização avançada; vai alcançando, aos poucos, a condição de indivíduo admirável e digno de todo o respeito

Ao final, em palavras candentes, o Autor deixa à mostra toda a indignação de que é capaz diante do crime hediondo:

"Fechemos este livro.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dous homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos.

Vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem...

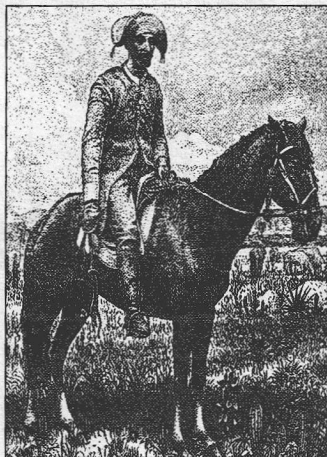
Ademais não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amestrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abrasadas aos filhos pequeninos?...

E de que modo comentaríamos, com a só fragilidade da palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos colhidos na véspera, e entre eles aquele Antônio Beatinho que se nos entregara, confiante - e a quem devemos preciosos esclarecimentos sobre esta fase obscura da nossa História?

Caiu o arraial a 5. No dia 6 acabaram de o destruir desmanchando-lhe as casas, 5.200, cuidadosamente contadas.

Antes, no amanhecer daquele dia, comissão adrede escolhida descobrira o cadáver de Antônio Conselheiro.

Jazia num dos casebres anexos à



latada, e foi encontrado graças à indicação de um prisioneiro. Removida breve camada de terra, apareceu no triste sudário de um lençol imundo, em que mãos piedosas haviam desparzido algumas flores murchas, e repousando sobre uma esteira velha, de tabua, o corpo do "famigerado e bárbaro" agitador. Estava hediondo. Envolto no velho hábito

azul de brim americano, mãos cruzadas ao peito, rosto tumefacto e esquelético, olhos fundos cheios de terra - mal o reconheceram os que mais de perto o haviam tratado durante a vida.

Desenterraram-no cuidadosamente. Dádiva preciosa - único prêmio, únicos despojos opimos de tal guerra! Faziam-se mister os máximos resguardos para que se não desarticulassem ou deformassem, reduzindo-se a uma massa angulhenta de tecidos decompostos.

Fotografaram-no depois. E lavrou-se uma ata rigorosa firmando a sua identidade. Importava que o país se convencesse bem de que estava, afinal extinto, aquele terribilíssimo antagonista.

Restituíram-no à cova. Pensaram, porém, depois, em guardar a sua cabeça tantas vezes maldita - e como fora malbaratar o tempo exumando-o de novo, uma faca jeitosamente brandida, naquela mesma atitude, cortou-lha; e a face horrenda, empastada de escaras e de sânie, apareceu ainda uma vez ante aqueles triunfadores...

Trouxeram depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio. Que a ciência dissesse a última palavra. Ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura..."

BIBLIOGRAFIA

- BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo - SP: Editora Cultrix, 1985.
- CITELE, Adilson. Roteiro de Leitura: Os Sertões. São Paulo - SP: Editora Ática, 1999.
- CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Rio de Janeiro - RJ: Editora Nova Aguilar, 1997.